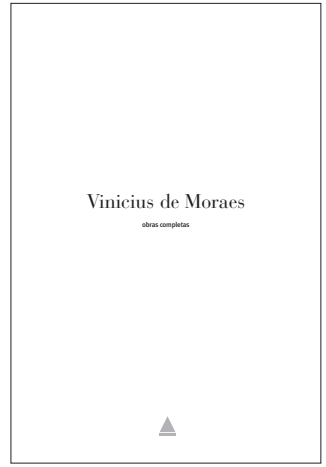
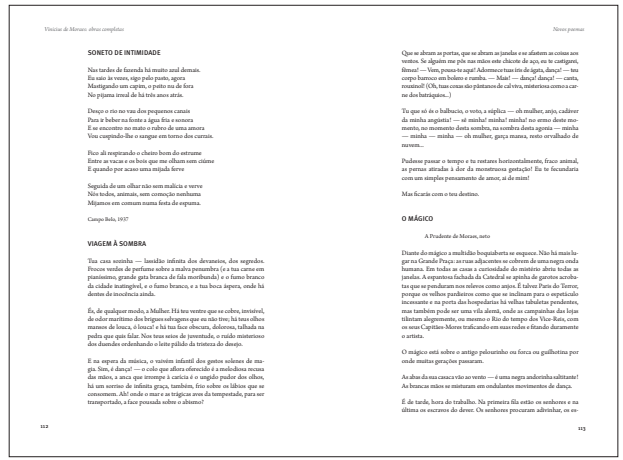


NOVA FRONTEIRA

Cliente: Editora Nova Fronteira (grupo Ediouro)

Produto: Vinicius de Moraes – Obras Completas



SONETO DE INTIMIDADE

Nas tardes de fazenda há muito azul demais.
Eu saio às vezes, sigo pelo pasto, agora
Mastigando um capim, o psusto na alma de fera
No pijama irreal de há três anos atrás.

Deixo o rio no vau dos pequenos canais
Para ir beber na fonte a água fria e sonora
E se encontro no mato o rubro de uma amora
Vou cuspindo-lhe o sangue em torno dos currais.

Fico ali respirando o cheiro bom do estrume
Entre as vacas e os bois que me olham sem ciúme
E quando por acaso uma mijada ferve

Seguida de um olhar não sem malícia e verve
Nós todos, animais, sem comoção nenhuma
Mijamos em comum numa festa de espuma.

Campo Belo, 1937

VIAGEM À SOMBRA

Tua casa sozinha — lassidão infinita dos devaneios, dos segredos.
Frescor verdes de perfume sobre a malva penumbra (e a tua carne em pianíssimo, grande gata branca de fala moribunda) e o fumo branco da cidade inatingível, e o fumo branco, e a tua boca áspera, onde há dentes de inocência ainda.

Ês, de qualquer medo, a Mulher. Há teu ventre que se cobre, invisível, de odor marítimo dos brigues solvagens que eu não tive; há teus olhos mansos de louca, ó louca! e há tua face obscura, dolorosa, talhada na pedra que quis falar. Nos teus seios de juventude, o ruído misterioso dos duendes ordenhando o leite pálido da tristeza do desejo.

E na espera da música, o vaivém infantil dos gestos solenes de magia. Sim, é dança! — o colo que afiora oferecido é a melodiosa recusa das mãos, a anca que irrompe à carícia é o ungido pudor dos olhos, há um sorriso de infinita graça, também, frio sobre os lábios que se consomem. Ah! ende o mar e as trágicas aves da tempestade, para ser transportado, a face pousada sobre o abismo?

Que se abram as portas, que se abram as janelas e se afastem as coisas aos ventos. Se alguém me pós nas mãos este chicote de aço, eu te castigarei, fêmea! — Vem, pousa-te aqui! Adormece tuas tias de ágata, dança! — tua corpo barroco em bolero e rumba. — Mais! — dança! dança! — canta, resistes?! (Oh, tuas coxas são pintanos de cal viva, misteriosa como a carne dos batráquios...)

Tu que só és o balbucio, o voto, a súplica — oh mulher, anjo, cadáver da minha angústia! — só minha! minha! minha! no ermo deste momento, no momento deste sombro, na sombra desta agonia — minha — minha — minha — oh mulher, garça mansa, resto orvalhado de nuvem...

Pudesse passar o tempo e tu restares horizontalmente, fraco animal, as pernas atiradas à dor da monstruosa gestação! Eu te fecundaria com um simples pensamento de amor, aí de mim!

Mas ficarás com o teu destino.

O MÁGICO

A Prudente de Moraes, neto

Diante do mágico a multidão boquiabarta se esquece. Não há mais lugar na Grande Praça: as ruas adjacentes se cobrem de uma negra onda humana. Em todas as casas a curiosidade do ministério abria todas as janelas. A espantosa fachada da Catedral se apinha de garotos acrobatas que se penduram nos relevos como anjos. É talvez Paris do Terror, porque os velhos pardieiros como que se inclinam para o espetáculo incessante e na porta das hospedarias há velhas tabuletas pendentes, mas também pode ser uma vila alemã, onde as campanilhas das lojas tilintam alegremente, ou mesmo o Rio do tempo dos Vice-Reis, com os seus Capitães-Mores traficando em suas redes e fitando duramente o artista.

O mágico está sobre o antigo peloutinho ou forca ou guilhotina por onde muitas gerações passaram.

As abas da sua casaca vão ao vento — é uma negra andorinha sabitante! As brancas mãos se misturam em ondulantes movimentos de dança.

É de tarde, hora do trabalho. Na primeira fila estão os senhores e na última os escravos do dever. Os senhores procuram adivinhar, os escravos procuram rir. O mágico se diverte com a multidão, a multidão se diverte com o mágico. Um filósofo e um dançarino perdidos confundem a multidão com o mágico e o aguardam.

Todos se divertem à sua maneira.

✣

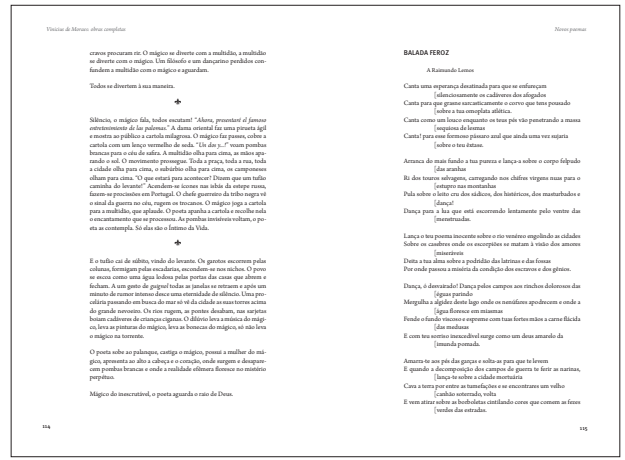
Silêncio, o mágico fala, todos escutam! *"Ahora, presentaré el famoso entrelimiento de las palomas."* A dama oriental faz uma pirueta ágil e mostra ao público a cartola milagrosa. O mágico faz passes, sobre a cartola com um lenço vermelho de seda. *"Un dos y..!"* voam pombas brancas para o céu de safira. A multidão olha para cima, as mãos apontando o sol. O movimento prossegue. Toda a praça, toda a rua, toda a cidade olha para cima, — subitebo olha para cima, os camponeses olham para cima. "O que estará para acontecer? Dizem que um tufão caminha do levante!" Acendem-se icones nas ishás da estepe russa, fazem-se preciosões em Portugal. O chefe guerreiro da tribo negra vê o sinal da guerra no céu, rugem os trocanos. O mágico joga a cartola para a multidão, que aplaude. O poeta apanha a cartola e recolhe nela o encantamento que se processava. As pombas invisíveis voltam, o poeta as contempla. Só elas são o fotmo da Vida.

✣

E o tufão cai de súbito, vindo do levante. Os garotos escorrem pelas colunas, formigam pelas escadarias, escondem-se nos nichos. O povo se esova como uma água lodosa pelas portas das casas que abrem e fecham. A um gesto de guigoul todas as janelas se retraem e após um minuto de rumor intenso doce uma eternidade de silêncio. Uma procelária passando em busca do mar só vê da cidade as suas torres acima do grande nevoeiro. Os ríos rugem, as pontes desaban, nas sarjetas boiam cadáveres de crianças ciganas. O dilúvio leva a música do mágico, leva as pinturas do mágico, leva as bonecas do mágico, só não leva o mágico na torrente.

O poeta sobe ao palanque, castiga o mágico, possui a mulher do mágico, apresenta ao alto a cabeça e o coração, onde surgem e desaparecem pombas brancas e onde a realidade efêmera floresce no mistério perpétuo.

Mágico do inescrutável, o poeta aguarda o raio de Deus.



BALADA FEROZ

A Raimundo Lemos

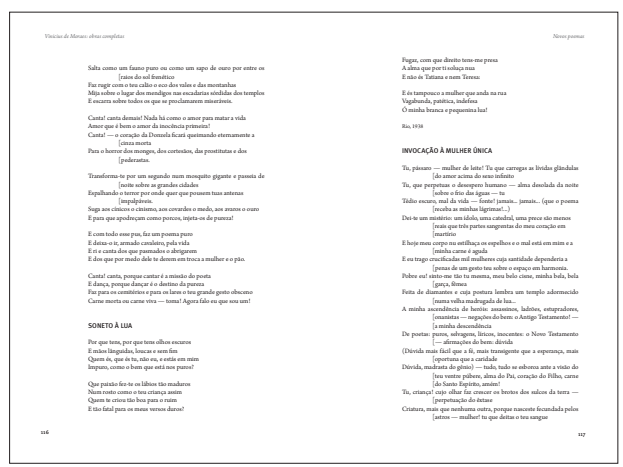
Canta uma esperança desatinada para que se enfureçam
[silenciosamente os cadáveres dos afogados
Canta para que grama sarcasticamente o cervo que tens pousado
[sobre a tua omoplata atlética.
Canta como um louco enquanto os teus pés vão penetrando a massa
[sequiosa de lesmas
Canta! para esse formoso pássaro azul que ainda uma vez sujaria
[sobre o teu êxtase.

Arranca do mais fundo a tua pureza e lança-a sobre o corpo felpudo
[das aranhas
Ri dos touros selvagens, carregando nos chifres virgens nuas para o
[estupro nas montanhas
Pula sobre o leito cru dos súdicos, dos histéricos, dos masturbados e
[dança!
Dança para a lua que está escorrendo lentamente pelo ventre das
[menstruadas.

Lança o teu poema inocente sobre o rio venéreo engolindo as cidades
Sobre os cuspbres onde os escrepsões se matam à vista dos amores
[miseráveis
Deita a tua alma sobre a podridão das latrinas e das fossas
Por onde passou a miséria da condição dos escravos e dos gêneios.

Dança, ó desvairado! Dança pelos campos aos rinchos dolorosos das
[éguas parindo
Mergulha a algidez deste lago onde os nenúfares apodrecem e onde a
[água floresce em miasmas
Fende o fundo viscoso e esprreme com tuas fortes mãos a carne flácida
[das meduzas
E com teu sorriso inescedível surge como um deus amarelo da
[imunda pomada.

Amarra-te aos pés das ganças e solta-as para que te levem
E quando a decomposição dos campos de guerra te ferir as narinas,
[lança-te sobre a cidade mortuária
Cava a terra por entre as tumefações e se encontrares um velho
[cadáver soterrado, volta
E vem atirar sobre as borbolestas cintilando cores que comem as fezes
[verdes das estradas.



Salta como um fauno puro ou como um sapo de ouro por entre os
[raios do sol fumítico
Faz rugir com o teu calço o eco dos vales e das montanhas
Mija sobre o lugar dos mendigos nas escadarias sórdidas dos templos
E escarra sobre todos os que se proclamarem misericós.

Canta! canta demais! Nada há como o amor para matar a vida
Amor que é bem o amor da inocência primeira!
Canta! — o coração da Donzela ficará queimando eternamente a
[cinza morta
Para o horror dos mongos, dos cortesãos, das prostitutas e dos
[pederastas.

Transforma-te por um segundo num mosquito gigante e passeia de
[noite sobre as grandes cidades
Espalhando o terror por onde quer que possuem tuas antenas
[impalpáveis.
Suga aos cínicos o cinismo, aos covardes o medo, aos avaros o ouro
E para que apodreçam como porcos, injeta-os de pureza!

E com todo esse pus, faz um poema puro
E deixa-o ir, armado cavaleiro, pela vida
E ri e canta dos que psamsados e abrigarem
E dos que por medo dele te derem em troca a mulher e o pão.

Canta! canta, porque cantar é a missão do poeta
E dança, porque dançar é o destino da pureza
Faz para os cemitérios e para os lares o teu grande gesto obscuro
Carne morta ou carne viva — toma! Agora falo eu que sou um!

SONETO À LUA

Por que tens, por que tens olhos escuros
E mãos lânguidas, loucas e sem fim
Quem és, que és tu, não eu, e estás em mim
Impuro, como o bem que está nos puros?

Que pretão fez-te os lábios tão maduros
Nem rosto como o teu criança assim
Quem te criou tão boa para o ruim
E tão fatal para os meus versos duros?

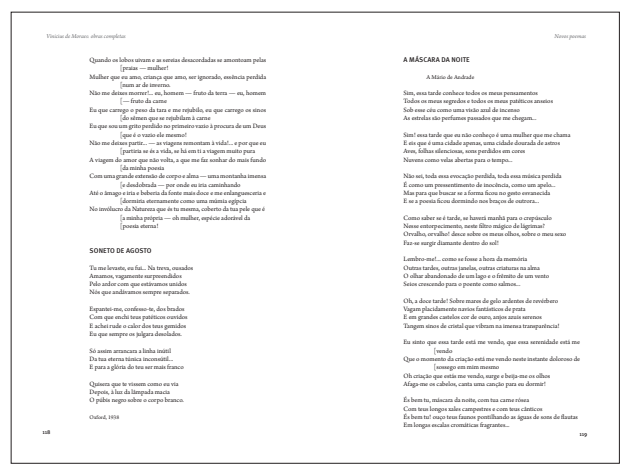
Fugaz, com que direito teus-me presa
A alma que por ti soluça nua
E não és Tatiana e nem Teresa:

É és tampouco a mulher que anda na rua
Vagabunda, putética, indefesa
Ó minha branca e pequenina lua!

Rio, 1938

INVOCAÇÃO À MULHER ÚNICA

Tu, pássaro — mulher de leite! Tu que carregas as lívidas glândulas
[do amor acima do seso infinito
Tu, que perpetuas o desespero humano — alma desolada da noite
[sobre o frio das águas — tu
Tédio escuro, mal da vida — fonte! jamais... jamais... (que o poema
[receba as minhas lágrimas!...)
Dei-te um mistério: um ídolo, uma catedral, uma prece são menos
[reais que teis partes sangrentas do meu coração em
[martírio
E hoje mes corpo na estilhaça os espelhos e o mal está em mim e a
[minha carne é aguda
E eu trago crucificadas mil mulheres cuja santidade dependeria a
[provas de um gesto teu sobre o espaço em harmonia.
Pobre eu! sinto-me tão tu mesma, meu belo cisne, minha bela, bela
[garça, fêmea
Feita de diamantes e cuja postura lembra um templo adormecido
[numa velha madrugada de lua...
A minha ascendência de herói: assassinos, ladrões, estupradores,
[onanistas — negações do bem: o Antigo Testamento! —
[a minha descendência
De poetas: puros, selvagens, líricos, inocentes: o Novo Testamento
[— afirmações do bem: dúvida
(Dúvida mais fácil que a fé, mais transigente que a esperança, mais
[oportuna que a caridade
Dúvida, madrasta de gênio!) — tudo, tudo se esboroa ante a visão do
[teu ventre púbere, alma do Pai, coração do Filho, carne
[do Santo Espírito, amém!
Tu, criança! cujo olhar faz crescer os brotos dos sulcos da terra —
[perpetuação do êxtase
Criatura, mais que nenhuma outra, porque nasceste fecundada pelos
[astros — mulher! tu que deitas o teu sangue



Quando os lobos uivam e as serras desacordadas se amontoam pelas
[praias — mulher!
Mulher que eu amo, criança que amo, ser ignorado, essência perdida
[num ar de inverno.
Não me deixes morrer!... eu, homem — fruto da terra — eu, homem
[— fruto da carne
Eu que carrego o peso da tara e me rejubilo, eu que carrego os sinos
[do sêmen que se rejubilam à carne
Eu que sou um grito perdido no primitivo vazio à procura de um Deus
[que é o vazio ele mesmo!
Não me deixes partir... — as viagens remontam à vida!... e por que eu
[partiria se és a vida, se há em ti a viagem muito pura
A viagem do amor que não volta, a que me faz sonhar do mais fundo
[da minha poesia
Com uma grande estensão de corpo e alma — uma montanha imensa
[e desdobrada — por onde eu iria caminhando
Até o âmago e íris e beberia da fonte mais doce e me enlangueceria e
[dormiria eternamente como uma múmia egípcia
No invólucro da Natureza que é tu mesma, coberto da tua pele que é
[a minha própria — oh mulher, espécie adotivel da
[poesia eterna!

SONETO DE AGOSTO

Tu me levaste, eu fui... Na treva, ousados
Amamos, vagamente surpreendidos
Pelo ardor com que estávamos unidos
Nós que andávamos sempre separados.

Espantei-me, confesso-te, dos braços
Com que enchi teus patéticos ouvidos
E achei rude o calor dos teus gemidos
Eu que sempre os julgara desolados.

Só assim arrancara a linha inútil
Da tua eterna tônica inconsútil...
E para a glória do teu ser mais franco

Quisera que te vissem como eu via
Depois, à luz da lâmpada mucia
O púbis negro sobre o corpo branco.

Oxford, 1938

A MÁSCARA DA NOITE

A Mário de Andrade

Sim, essa tarde conhece todos os meus pensamentos
Todos os meus segredos e todos os meus patéticos anseios
Sob esse céu como uma vício azul de incenso
As estrelas são perfumes passados que me chegam...

Sim! essa tarde que eu não conheço é uma mulher que me chama
E eis que é uma cidade opaca, uma cidade dourada de astros
Aves, folhas silenciosas, seres perdidos em coros
Nuvens como velas abertas para o tempo...

Não sei, toda essa evocação perdida, toda essa música perdida
E como um pressentimento de inocência, como um apelo...
Mas para que buscar se a forma ficou no gesto ovanecida
E se a poesia ficou dormindo nos braços de outrora...

Como saber se é tarde, se haverá manhã para o crepúsculo
Nesse enterpecimento, neste filtro mágico de lágrimas?
Orvalho, orvalho! descer sobre os meus olhos, sobre o meu sexo
Faz-se surgir diamante dentro do sol!

Lembro-me!... como se fosse a hora da memória
Outras tardes, outras janelas, outras criaturas na alma
O olhar abandonado de um lago e o frêmito de um vento
Seios crescendo para o poente como salmos...

Oh, a doce tarde! Sobre mares de gelo ardentes de revérbero
Vagam placidamente navios fantásticos de prata
E em grandes castelos cor de ouro, anjos anais serenos
Tangem sinos de cristal que vibram na imensa transparência!

Eu sinto que essa tarde está me vendo, que essa serenidade está me
[vendo
Que o momento da criação está me vendo neste instante doloroso de
[assunge em mim mesmo
Oh criação que estás me vendo, surge e beija-me os olhos
Afaga-me os cabelos, canta uma canção para eu dormir!

Ês bem tu, máscara da noite, com tua carne rósea
Com teus longos tales campestres e com teus cânticos
Ês bem tu! ouço teus faunos pontilhando as águas de sons de flautas
Em longas escalas cromáticas fragrantes...